

## ALFABETIZAÇÃO EM UMA ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES EM PONTA GROSSA: LIMITES E POSSIBILIDADES A PARTIR DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DOS ASSOCIADOS

### LITERACY IN AN ASSOCIATION OF RECYCLERS OF PONTA GROSSA: LIMITS AND POSSIBILITIES TAKING INTO ACCOUNT THE EDUCATIONAL TRAJETORY OF THEIR ASSOCIATES

Camila Sopko\*  
Reidy Rolim de Moura\*\*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar os dados sobre a experiência de alfabetização que aconteceu na Associação dos Recicladores Rei do “Pet” (ARREP), através da intervenção do programa de extensão “Incubadora de Empreendimentos Solidários” (IESol), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), que vem atuando junto ao grupo desde 2010. Os dados que serão apresentados resultaram de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Serviço Social. Para este artigo, fez-se o recorte da trajetória educacional dos associados e a importância da alfabetização em suas vidas. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas com os participantes do programa de alfabetização viabilizado pela IESol. Os resultados mostraram diversas dificuldades que os(as) trabalhadores(as) tiveram em completar seus estudos. Dentre tantas, as que podemos enfatizar foram as questões de gênero que continuam permeando como limitadoras especialmente às mulheres associadas. Também ficou claro que algumas mudanças, a partir da alfabetização, podem gerar transformações positivas, nas quais, muitas vezes, as pessoas envolvidas deixaram de acreditar, já que os processos de exclusão social as fizeram naturalizar essa situação.

**Palavras chave:** Educação; Associação de Recicladores Rei do “PET”; Economia Solidária.

**Abstract:** This paper aims to present the data about the literacy experience that took place in the *Garrafa Pet* Recyclers Association - ARREP (Brazilian abbreviation) through the intervention of the extension program *Incubadora de Empreendimentos Solidários* - IESol (Brazilian abbreviation) of the State University of Ponta Grossa (UEPG), which has been developing since 2010. The data are the result of the *Trabalho de Conclusão de Curso* - TCC (Brazilian abbreviation) carried out at the undergraduate course. For this study, it was taken into account the educational trajectory of the associates that took part in the extension program and the importance of literacy to their lives. The data were obtained from semi-structured interviews with the participants of the literacy program carried out by IESol. The results pointed out that the associates had several difficulties to complete their studies. Among them, it is important to mention the gender issues that is still a limiting factor, especially for women. It was possible to conclude that literacy causes some changes that could generate positive transformations to the literate students since it provides them the possibility to believe in things that they did not any more due to the social exclusion.

**Keywords:** Education; *Garrafa Pet* Recyclers Association (ARREP); Solidarity Economy.

\* Aluna de Mestrado da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa - PR, Brasil. E-mail: camila.sopko@gmail.com  
\*\* Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa - PR, Brasil. E-mail: reidymoura@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A Economia Solidária, mesmo situada em tempos de crise, surge não como proposta de minimizar os efeitos do desemprego e exclusão trazidos pelo capitalismo, mas sim para sinalizar que é possível oferecer às pessoas a possibilidade de viver em uma sociedade mais igualitária e justa, mesmo estando inseridas num sistema contrário a esses princípios.

Singer (2001) defende que a Economia Solidária se difere da economia capitalista em sua forma de produção e organização, porém ambas têm comuns propósitos. Destaca-se a solidariedade, seja na forma mais mínima que essa possa transparecer, uma vez que é indispensável para a harmonia da sociedade. Há de se destacar que, na sociedade capitalista, há muita competitividade entre as pessoas, uma vez que essa é estimulada pela demanda do mercado de trabalho. Essa situação competitiva acaba refletindo na vida dos trabalhadores de empresas heterogestionárias, já que esses competem tanto por cargos melhores dentro das empresas, quanto pela manutenção de seu emprego.

No Brasil, há diversas universidades que contam com projetos de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP), a exemplo de: Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal do Paraná, Pontifícia Universidade Católica de Curitiba, Universidade de São Paulo, entre outras instituições que configuram importantes entidades de apoio ao movimento da economia solidária. Nesse sentido, tem-se a Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol), um programa de extensão permanente da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, criado em 2005, que é resultado do trabalho articulado de um grupo de pessoas que acompanhavam discussões de Economia Solidária na região e no país, como também o papel das universidades na atuação junto às questões sociais. Cabe destacar que a extensão universitária na UEPG tem como objetivo a articulação da comunidade com a universidade, que, por sua vez, é composta pelo tripé: ensino, pesquisa e extensão.

A IESol vem acompanhando esse movimento através de ações que se comprometem com o ensino, trazendo os alunos para conhecer a realidade externa às salas de aula. Essa ação também é relatada em trabalhos de conclusão de cursos, iniciações científicas e artigos produzidos a partir do cotidiano vivenciados na IESol. Alguns desses trabalhos sendo estão assim intitulados : Economia Solidária no ensino fundamental (autores: Francisco Salau Brasil, Méris Nelita Fauth Bertin e Jessica Gislaíne Neves) A autogestão numa incubadora de empreendimentos solidários (autores: Adriano da Costa Valadão, Alnary Nunes Rocha Filho, Francisco Salau Brasil, Manuela Salau Brasil e Luiz Alexandre Gonçalves Cunha) Movement to solidarity economy (autora: Manuela Salau Brasil), entre outros. Trata-se de trabalhos produzidos por pesquisadores da IESol que buscam trazer relatos de experiência dos grupos incubados,

como também trabalhar indicadores, entre outros tipos de produção técnico-científicas. Por fim, a extensão constitui-se de atividades desenvolvidas junto à comunidade externa e grupos atendidos pela IESol.

Neste trabalho, tem-se por objetivo apresentar o relato de experiência que aconteceu a partir da prática da extensão na IESol, junto a ARREP, grupo incubado por esse programa de extensão. Os dados que aqui serão apresentados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas aplicadas junto aos associados que participaram do Programa de Alfabetização denominado “Brasil Alfabetizado”. A IESol intermediou para que esse programa acontecesse na associação, a pedido do próprio grupo, como se poderá perceber adiante.

## ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES REI DO “PET” E SEU TRABALHO JUNTO À INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS

No ano de 2010, alguns catadores de materiais recicláveis da cidade de Ponta Grossa - PR, da região da Santa Luzia, procuraram o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de abrangência dessa região. Suas queixas consistiam no fato de que o trabalho nas ruas estava ficando cada vez mais inviável por questões relacionadas ao transporte do material, que era pesado demais, e por questões climáticas, que dificultavam o trabalho, expondo-os aos mais diversos riscos por estarem nas ruas.

O grupo foi ao CRAS, demonstrando interesse em formar uma Associação ou Cooperativa. Dessa forma, profissionais técnicos do CRAS entraram em contato com o curso de Serviço Social da UEPG, uma vez que já sabiam sobre a existência de um programa de extensão intitulado, na época: “Direitos Sociais, Educação Ambiental e Organização Comunitária”. Posteriormente, representantes da UEPG contataram a IESol para a realização de uma incubação com o grupo.

A equipe técnica do CRAS primeiramente procurou a Universidade Estadual de Ponta Grossa, através do projeto de extensão intitulado: ‘Direitos Sociais, Educação Ambiental e Organização Comunitária’ do Departamento de Serviço Social, e estes, contataram a IESol para a realização de uma incubação com o grupo. (ABRAMI et al., 2012, p. 2).

Em março de 2011, a IESol, por intermédio de um professor de Geografia, junto com uma professora do departamento de Serviço Social, ambos extensionistas na Universidade e na IESol, começaram as reuniões com o grupo, as quais aconteciam no CRAS.

No início das atividades, o objetivo era saber do grupo se queriam a formação de uma associação com os princípios da Economia Solidária. O grupo se mostrou favorável a essa forma de organização, uma vez que objetivava o fortalecimento do trabalho em grupo de forma autogestionária.

De acordo com a necessidade inicial, foram promovidas reuniões, formações e oficinas com temáticas variadas. Isso resultou na formação de uma associação nos princípios da Economia Solidária. As discussões realizadas nesses encontros trataram de temáticas variadas e foram realizadas quinzenalmente. A equipe responsável por essas reuniões era composta por profissionais de diversas áreas que atuavam na IESol - bolsistas, técnicos, professores, estagiários e voluntários.

O trabalho de incubação exigia processos, como fazer um diagnóstico do grupo e obter informações sobre a situação financeira das pessoas que tinham por interesse a formação da associação.

Segundo informações da equipe do CRAS e coletadas no diagnóstico social que vem se desenvolvendo com este grupo pela IESOL, essas famílias demonstraram desde o início do trabalho do CRAS a necessidade e o interesse de formar uma cooperativa, ou uma associação de materiais recicláveis, fortalecer e agregar valor ao trabalho de coleta e reciclagem de materiais. A partir de várias visitas técnicas realizada pela equipe da IESOL, foi perceptível além da situação de muita carência financeira na região, uma necessidade de se trabalhar também com educação ambiental, os aspectos sociais entre outros, já que os arroios aparecem como depósitos de lixo que não são considerados pelos catadores dessa região como recicláveis, bem como os atravessadores não se interessam por este material, por exemplo isopor. (FERREIRA et al., 2011, p. 2).

Na formação de uma associação, em geral, exigem-se apenas trâmites burocráticos. A formação de uma associação solidária é mais ampla, exigindo que os formadores sejam unidos através de um compromisso que envolve ajuda mútua, união e o comprometimento com os princípios da Economia Solidária<sup>2</sup> e as questões ambientais.

Inicialmente, pensava-se em regularizar a associação, a fim de concorrer a editais para a construção de um barracão próprio, visto que esse era o desejo da associação na época. A equipe passou a fazer capacitação para a geração de trabalho e renda dentro dos princípios da Economia Solidária. Dessa forma, fazia-se necessário que os membros aprendessem a trabalhar em grupo.

No ano de 2011, o trabalho com o grupo continuou e surgiram muitas demandas. As principais eram: formalização da associação de catadores a partir da existência do CNPJ; captação de recursos a partir da adequação de editais; parceria com a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa para a viabilização de um barracão para triagem e separação do material; discussões sobre a formação do grupo e temas específicos do interesse de todos, a fim de melhorar a relação de confiança para, então, iniciar as discussões de autogestão. A formalização da associação aconteceu em junho de 2011, com 22 associados, conforme consta na Ata de Fundação. Na ocasião, o grupo ainda estava se encontrando nas dependências do CRAS Santa Luzia.

Para certos trâmites burocráticos, fez-se necessária a arrecadação de verbas, o que era muito difícil conseguir através dos associados, uma vez que sua renda mensal era baixa, fazendo com que não

disponibilizassem de condições financeiras para contribuir com os gastos. Dessa maneira, a incubadora procurou por parcerias que colaborassem com a legalização desse trabalho.

De acordo com os relatos realizados na IESol, pode-se identificar que as dificuldades que o grupo enfrentou inicialmente foram diversas, como: conflitos internos que dificultavam o trabalho, baixa renda e situações de roubo de material de maior valor, que aconteciam no período em que o barracão estava fechado.

A percepção de que só a educação poderia resgatar e oferecer, a longo prazo, uma melhor qualidade de vida aos associados do grupo fez com que a IESol entrasse em contato com o Núcleo de Educação, a fim de buscar uma solução para o problema. Com isso, foram orientados sobre a existência do Programa “Brasil Alfabetizado” e sobre os critérios que teriam de cumprir para a efetivação do programa dentro da IESol. Seriam necessários 14 inscritos no programa em local urbano que não tivessem completado ainda o 5o ano do ensino fundamental.

Esse processo começou em abril de 2013, até então havia interesse de 8 pessoas em participar do processo de alfabetização. Sem número suficiente, entrou-se em contato com o Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, Santa Luzia, que abrange a região da associação e esse nos disponibilizou mais seis cadastros de seus usuários interessado em voltar a estudar. Também foi feito contato com a Fundação PROAMOR do Departamento do Idoso, que indicou mais um participante.

Foram feitos os cadastros de 15 pessoas interessadas e, assim, foi cumprido o principal critério do programa. A alfabetizadora voluntária foi disponibilizada pelo programa Brasil Alfabetizado, assim como todo o material escolar que seria utilizado e a merenda que seria oferecida aos alunos nos dias de aula.

Na primeira reunião junto com a professora e a coordenadora, foi estabelecido com a associação que os horários de aula seriam das 17h às 19h30, de segunda-feira a quinta-feira, cumprindo, assim, as 10 horas semanais exigidas pelo programa.

[...] No ano de 2013 percebeu-se que muitos deles se sentiam incomodados por tal situação, uma vez que eram passada lista de presença para estes assinarem e algumas atividades que se faziam necessário ser alfabetizado. Desta forma, a equipe da IESol entrou em contato com o Núcleo de Educação da cidade de Ponta Grossa- PR para ver como seria a demanda para realização de tal trabalho. O Núcleo de Educação através do programa Brasil alfabetizado disponibiliza um professor, material de estudo e “merenda escolar” para a turma de alfabetização. Esta turma tem que conter no mínimo 15 pessoas se o local for urbano e 07 pessoas se o local for em zona rural. (BOFFETE et al., 2014, p. 3).

Dessa forma, em julho de 2013, iniciaram-se as aulas, que se encerrariam em março de 2014, quando o programa completasse oito meses de execução.

## O PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO E SUAS DIRETRIZES

O Programa Brasil Alfabetizado (PBA), segundo o documento “Princípios, Diretrizes, Estratégias e ações de apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a formação de coordenadores de Turmas e de Alfabetizadores”, vem como uma política pública de acesso à inclusão de jovens, adultos e idosos que não tiveram oportunidade de estudar na respectiva idade-série.

O Programa foi lançado no segundo trimestre de 2003, adotando uma concepção de política pública de inclusão educacional, uma vez que havia outros programas de inclusão educacional, mas não eram todos que conseguiam ter acesso, pois esses programas encontram-se em regiões centrais, sendo então distantes para grande parte da população que necessita dessa política pública.

[...] O PBA configura-se neste sentido como significativa estratégia de garantia do direito à educação e como alternativa importante para o enfrentamento das desigualdades que marcam as condições de oferta de educação nos municípios e unidades da federação. (BRASIL. Ministério da Educação, 2011, p. 7).

O Programa Brasil Alfabetizado objetiva o enfrentamento de desigualdades educacionais, que correspondem a uma parcela significativa da população que se configura na linha da pobreza ou da extrema pobreza.

Compreende-se, contudo, que o desafio de consolidar a alfabetização de jovens, adultos e idosos, na perspectiva da continuidade da escolarização destes sujeitos como política pública requer, dentre outras ações, o apoio financeiro e o suporte pedagógico aos estados, Distrito Federal e municípios para que incorporem gradativamente este atendimento em suas redes de ensino e que tenham condições de realizar tal atendimento com qualidade e efetividade. (BRASIL. Ministério da Educação, 2011, p.7).

Quanto mais direitos sociais rompidos, menor o acesso e a permanência na educação. O mercado de trabalho assimila a população cada vez mais jovem que, por questões financeiras ou familiares, se distancia da perspectiva de estudar.

O Programa Brasil Alfabetizado apresenta uma importante contradição - ele se coloca como um programa de ação contínua, no entanto, o aluno só tem acesso a participar dele por duas vezes. Acredita-se que 16 meses são suficientes para alfabetizá-lo, mas, muitas vezes, esse período não basta, uma vez que o sujeito, em sua vida adulta ou idosa, apresenta grande dificuldade de aprendizagem.

Buscando uma maior articulação com os demais entes federados, a adesão ao Programa realiza-se exclusivamente por intermédio das secretarias estaduais, distrital e municipais de educação de todo o país. Estas elaboram planos e metas, conforme os dados registrados no Censo Escolar de seu município/ estado/DF. (BRASIL. Ministério da Educação 2011, p.7).

Um dos objetivos do programa é que o processo de alfabetização, após o término das aulas de oito

meses, continue, para que depois de alfabetizado, esse sujeito possa prosseguir com a proposta de estudo em outras programas educacionais.

Na cidade de Ponta Grossa - PR, o programa Brasil Alfabetizado está disponível através do Núcleo de Educação, o qual faz essa articulação com a comunidade que tem a necessidade e/ou desejo de ser alfabetizada. Dentre os objetivos do Programa Brasil Alfabetizado, destacam-se:

a) criar oportunidade de alfabetização a todos os jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso ou permanência no ensino fundamental; b) promover com qualidade o acesso à educação de jovens, adultos e idosos e sua continuidade no processo educativo; c) mobilizar gestores estaduais e municipais para ampliar a oferta de Educação de Jovens e Adultos – EJA; d) qualificar a oferta de alfabetização para jovens, adultos e idosos por meio da implementação de políticas de formação, de distribuição de materiais didáticos e literários, de incentivo à leitura e de financiamento. (BRASIL. Ministério da Educação, 2011, p. 8).

Vale ressaltar que o conceito de Educação de Jovens e Adultos está fundamentado na perspectiva de educação de aprendizagens ao longo da vida, isto é, o programa tem como objetivo valorizar todo o tipo de conhecimento que é adquirido ao longo da vida dessas pessoas. Essa metodologia tem grande fundamento na perspectiva Freiriana, que considera a carga de conhecimentos práticos trazida pelos jovens e adultos um elemento importante para a aprendizagem.

## METODOLOGIA

Neste trabalho, foram discutidos os seguintes tópicos: a trajetória educacional dos associados, as perspectivas e contribuições geradas a partir do Programa Brasil Alfabetizado, os motivos pelos quais os entrevistados não tiveram interesse em voltar a estudar antes do programa, a percepção sobre o estudo dentro de uma associação de catadores e, por fim, as dificuldades relacionadas à participação no Programa Brasil Alfabetizado.

A metodologia de pesquisa utilizada para obtenção dos dados foi a qualitativa, e utilizou-se da pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Será dada ênfase aqui na pesquisa de campo, em que o instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada.

Na pesquisa de campo, o instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, em que “Deve-se recorrer à entrevista sempre que se tem necessidade de dados que não podem ser encontrados em registros ou fontes documentais e que se espera que alguém esteja em condições de prover.” (NOGUEIRA, 1977, p. 113). Ainda sobre a entrevista, destaca-se:

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e

hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. [...]. (TRIVINOS, 2007, p. 146).

O universo de pesquisa foi a Associação de Recicladores Rei do “PET”. A amostra foram os participantes do Programa Brasil Alfabetizado, nos meses de julho de 2013 a março de 2014, e que ainda se encontravam na associação. Como critério de seleção de amostra, somente foi entrevistado quem participou do programa de alfabetização e ainda se encontrava na associação, tendo concluído ou não este programa e somente quem fazia parte do empreendimento econômico solidário, no caso a ARREP. Sendo assim, foram realizadas 5 entrevistas, sendo que apenas 3 dos entrevistados concluíram o programa de alfabetização, e dois participaram mas não concluíram o programa.

A entrevista semiestruturada abrangia 14 perguntas, as quais foram realizadas na sede da ARREP, em uma sala que matinha a privacidade das falas. Cabe ressaltar que as perguntas seguiam um roteiro predefinido e que depois de gravadas foram transcritas na linguagem dos entrevistados, como também devidamente analisadas, utilizando-se da perspectiva de análise de conteúdo.

## TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DOS ASSOCIADOS DA ARREP QUE PARTICIPARAM DA ALFABETIZAÇÃO

A trajetória escolar dos entrevistados varia entre os que nunca estudaram e os que estudaram até o quarto ano do Ensino Fundamental I. A situação educacional deve ser tratada de uma maneira mais ampla, na qual se observe a trajetória de vida e, a partir disso, se faz uma análise das situações que influenciaram exclusão educacional dessas pessoas.

A renda de cada associado não passava de 500 reais mensais no ano da pesquisa. Ao se fazer uma análise mais abrangente que calcule a renda pelo número de pessoas em cada família, provavelmente ter-se-á um resultado indicando que a maioria dos entrevistados e suas famílias se encontra em situação de vulnerabilidade econômica e que as situações de analfabetismo, fome e desemprego se devem a toda a formação econômica e social. Ainda se pode constatar, a partir desses dados, a educação como um privilégio, em que pessoas com renda inferior precisam parar de estudar para ajudar no sustento de suas famílias ainda quando crianças.

Ao se perguntar o motivo pelo qual os entrevistados não estudaram quando mais jovens, a maioria respondeu que foi devido aos problemas que tinham de acesso à escola que ficavam muito distantes dos seus domicílios. As fragilidades relacionadas ao território e às condições de vida, em que os associados viviam ou possuíam em sua infância, foram o grande

desmotivador para que não continuassem o processo de educação formal. A grande maioria dos associados vivia em zona rural, onde, na época, o transporte era escasso. A maioria dos entrevistados reflete a dificuldade que muitos no Brasil tiveram em décadas passadas de estudar e que resultou no alto índice de analfabetismo no país.

Com relação ao questionamento sobre ao ano que eles estudaram quando crianças, 1 entrevistada relatou que nunca havia estudado antes. Apenas foi à escola por um período, mas nem chegou a terminar o ano letivo. Outros 3 entrevistados já possuíam uma maior trajetória escolar, e esses mesmos, por já terem maiores experiências educacionais que os outros dois, foram os que decidiram não concluir o programa de alfabetização. Outro entrevistado que já havia frequentado a escola até o terceiro ano concluiu o programa de alfabetização.

Destaca-se a resposta de 1 entrevistada, que alegou nunca ter estudado antes, afirmando que não conhecia nem a letra “A”. Segundo Pierro, Jóia e Ribeiro (2001), “São vários os fatos que influenciam a educação de jovens e adultos desde os anos de 1940, como também são variados os fatores e as dificuldades de políticas públicas de inclusão educacional”.

Perguntados sobre a oportunidade de voltar a estudar antes da ARREP, mesmo na idade adulta, 4 responderam que nunca haviam tentado.

Não tinha, meu primeiro convite foi aqui e nunca procurei. [...] assim uma aula de noite né, mas eu pensei que era só pros jovens né, nunca procurei, daí aqui eu achei que era mais fácil porque já tá aqui né, sai do serviço e fica aqui, e o serviço não é apurado, separa papel é a coisa mais fácil, e a gente trabalhou muito nos mato pesado, inchada, carpia e roçava e agora não, agora esse serviço é moleza, só moleza. (Entrevistado A).

Eu sonhava com estudar assim, achava importante[...]

Não tentei. (Entrevistado B). Não, eu não conhecia nem o “A”. (Entrevistado D).

Quando perguntado ao entrevistado E se havia tentado voltar a estudar antes da ARREP, ele gesticulou com a cabeça que não. A entrevistada C alegou que já havia tentado voltar a estudar e explicou por que não continuou, segundo as falas:

Até tentei estudar um ano, só que depois meu marido já não deixou mais [choro]: Porque eu casei com 15 anos já grávida de dois meses, daí né eu ganhei o bebê, daí ele e também para cuidar do neném, daí ele já não concordou. (Entrevistado C).

Pode-se perceber que 2 dos 5 entrevistados não terminaram o programa de alfabetização, pois possuíam algum conhecimento em relação aos demais. Os outros 3 concluíram o programa de alfabetização. Em relação ao interesse em voltar a estudar, dos 5 entrevistados, apenas 1 tentou voltar e por proibição do marido não conseguiu terminar os estudos, o que caracteriza a exclusão educacional por gênero.

O processo de voltar a estudar requer condições a que muitas pessoas não conseguem ter acesso. Família, filhos e distância são alguns dos vários fatores que impedem a retomada dos estudos.

## MOTIVOS PELOS QUAIS OS ENTREVISTADOS NÃO TIVERAM INTERESSE EM VOLTAR A ESTUDAR

Sobre os motivos que impediram os entrevistados de voltar a estudar quando mais jovens, destaca-se 1 entrevistada, que afirma que, por questões relacionadas à distância, não conseguiu fazê-lo.

Ainda, 2 entrevistadas afirmam que não tiveram interesse ou condição em voltar a estudar quando mais jovens pelo fato de que casaram e engravidaram muito cedo, como se pode confirmar na fala abaixo:

“Não sei, daí depois veio o filho, daí eu casei, daí acho que fico difícil porque antes do casamento eu trabalhava né, eu trabalhava assim né.. de, eu era babá, doméstica, trabalhava. Antes de eu casa eu trabalhei com o doutor F. de baba dois anos, eu cuidei do nenê, da criança dele que tem 18 ano hoje. Daí depois eu cuidei de quatro da doutorada M., daí eu tinha casado né, daí um, daí eu tava grávida, daí eu sai. Fiquei nove meses cuidado das criança. Daí elas iam tudo para escola, limpava a casa. (Entrevistado B).

No caso eu casei com 15 anos, né. (Entrevistado C).

Vale ressaltar que a entrevistada C tentou voltar a estudar quando mais jovem, porém teve que parar, como foi explicado no início deste trabalho. Uma das entrevistadas relatou que o maior impedimento para que voltasse a estudar foi a vergonha.

Acho que tinha vergonha, tinha medo por causa da minha vista também. (Entrevistada D).

Ressalta-se que a entrevistada D tem sérios problemas de visão, dados relatados da professora através de conversas informais, sendo este o motivo que a fazia ter mais dificuldade para aprender em relação ao restante da turma.

Dentre os 5 entrevistados, os motivos variaram entre 3, e o que predominou foi o fato de 2 entrevistadas terem filhos e casado ainda quando muito jovens. Fica evidente aqui a questão de gênero, que várias vezes aparece nas entrevistas. Assim, conforme destaca Valle (2010, p. 34):

Num contexto em que tanto o homem quanto a mulher trabalham em tempo integral, observa-se que ainda as mulheres continuam assumindo a maior parte das responsabilidades domésticas.” [...] “As mulheres, sem acesso à leitura e à escrita, são duplamente vítimas de uma sociedade androcêntrica e grafocêntrica. O exercício real da cidadania precisa transpor, depois da linguagem falada, a linguagem escrita [...].

Essa questão mostra que, quando se fala da ARREP, a exclusão educacional atingiu, em sua maioria, pessoas do sexo feminino, uma vez que desde o início havia apenas 2 homens diante de 12 mulheres que queriam voltar a estudar. Ademais, 2 entrevistadas relataram não voltar a estudar antes da ARREP, por conta de afazeres domésticos.

A análise sobre a questão de gênero fica implícita nas falas, e muitas vezes foi possível observar que, em várias situações, as entrevistadas se sentem obrigadas a cuidar da casa, dos filhos e do marido, acreditando que são somente suas essas obrigações. A discussão da manutenção dessa situação

da divisão sexual do trabalho se faz necessária, uma vez que, somente na realidade da ARREP, durante o início das aulas, havia 12 alunos e apenas 2 eram homens. De forma breve e sucinta, nesse caso, pode-se observar que a procura por inclusão educacional se torna uma demanda maior entre as mulheres.

## PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES GERADAS A PARTIR DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DA ARREP

Com o objetivo de saber quais foram as contribuições na rotina diária, na vida pessoal e profissional de cada entrevistado que participou do projeto de alfabetização, se fez necessário questionar o que achavam que havia mudado no dia a dia a partir da proposta de estudo.

A partir das respostas obtidas, elucidou-se que tanto o contexto quanto a representatividade do estudo variam na vida dos entrevistados (relembrando que os entrevistados B e C não concluíram o programa de alfabetização). Alguns acreditam que estudar está relacionado a melhoras na autoestima, como também sentem o impacto dessa melhora através do seu cotidiano e de seus filhos. Para outros, voltar a estudar significou melhora e aperfeiçoamento relacionado àquilo que já sabiam.

Antes de estuda pois é, ler, eu não sabia nada e agora já tô lendo alguma coisinha, mas fácil né, com letra mais graúda, eu não sabia, nunca via vantagem de ler assim, essas coisas. Agora já vejo vantagem, chego no ponto de ônibus fico lendo, pois eu fui para Curitiba esses dias.(Entrevistada A).

Ah mudo, mudou porque agora eu assino o a parecer das crianças lá na escola, eu assino o recibo que ele manda pensão eu mesma assino agora. (Entrevistada D).

Freire (1996) elucidava que o trabalho em comunidade deve vir para a transformação, de modo que o educador e os educandos devem ter a clareza que a mudança é possível e que o processo de alfabetização não deve se tornar algo que seja somente “estudar por estudar”. Destaca-se que os problemas relacionados à comunidade, na maioria dos casos, está ligado à miséria, que não deve ser tratada como algo “natural”. Essa situação deve ser questionada e transformada.

Os resultados sobre os impactos que a proposta de estudo teve na vida dos entrevistados foram diversas, ao passo que se constata que a mudança e a transformação ocorrem na vida. Ações que antes as pessoas não podiam fazer sozinhas, por não saberem ler, hoje já conseguem. A necessidade de ler a realidade e tentar compreendê-la faz parte do processo para se conseguir entender que cada pessoa compreende uma história e que traz consigo resultados que implicam em suas vidas até hoje. Dessa forma, entende-se a diversificação nos resultados sobre o impacto da alfabetização na vida de cada um.

## A PERCEPÇÃO SOBRE O ESTUDO DENTRO DE UMA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES

A visão sobre ser alfabetizado e/ou voltar a estudar, como é o caso dos associados da ARREP que participaram do projeto de alfabetização, varia de sujeito para sujeito, como também varia de situação para situação. Em uma associação de catadores, cujo foco está na reciclagem, deparou-se com uma grande situação de vulnerabilidade escolar, em que muitos se encontram nessa categoria profissional por esse motivo. Dessa forma, para o questionamento de “Por que um catador dentro de uma associação precisa saber estudar?”, as respostas partiram dos 5 catadores que participaram do projeto de alfabetização. Desses, 4 acreditam que, na parte burocrática e financeira, se faz necessário saber ler e escrever.

Para mim que trabalha na ARREP a gente aproveita, além de trabalhar, ganhar o dinheirinho ainda sai sabendo ler, se prestar a atenção sai sabendo ler e a gente aproveita porque é o horário que a gente tá aqui, depois das cinco entra estudar. [...] Faz diferença, para associação eles tem que saber ler, porque numa dessa, não conhece dinheiro e não sabe ler, daí como é que recebe? Daí os outros tem que ficar contando, é uma grande vantagem, você saber um pouquinho, conhecer dinheiro, sabe um pouquinho ler. Porque as vezes a pessoa erra no pagamento, vamos supor, nunca erraram, mas se a pessoa erra a gente já chega e diz “ – Olha o pagamento tá errado, vocês tem que acertar”. (Entrevistada A).

Outra entrevistada também acredita que, para separar o material que chega à associação, se faz necessário saber ler, pois existem materiais perigosos, com instrução de manuseio.

Não saber ler dentro da ARREP pode vir lá de fora, porque aqui a gente sabe o que tem, mas se vier lá de fora uma coisa estranho, por exemplo que Deus o livre um veneno a gente não sabe ler, que nem aconteceu aquele dia e daí a pessoa vai e pega sem saber ler, pega aquilo ali, pode afetar né. A pessoa que é esperto pega ali é já lê, que não pode pegar assim com a mão livre, que tem que pegar com luva. (Entrevistada A).

percepções sobre a importância de estudar dentro de uma associação de catadores foram diversificadas. Sobressalta-se a questão da parte burocrática, visto que eles acreditam que grande parte do seu trabalho demanda certas negociações externas, para as quais se faz necessário saber ler e escrever. É visível que, em algumas falas, os entrevistados sentem medo de serem enganados por alguém pelo fato de não serem alfabetizados.

## DIFICULDADES RELACIONADAS À PARTICIPAÇÃO DO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO

Procurou-se investigar as dificuldades que foram encontradas pelos associados durante os oito meses de execução do programa. Os entrevistados alegaram dificuldades para chegar ao barracão; 3 afirmaram que não tinham dificuldades, pois moravam perto ou pegavam ônibus e não precisavam pagar, em virtude da idade avançada.

As aulas aconteciam no barracão da associação. Os associados que participavam do processo de alfabetização saíam do trabalho e já ficavam para a aula, porém, como a aula começava no período das 17h às 19h30 min, muitas vezes, já estava escuro para irem embora.

Apesar das várias dificuldades encontradas no decorrer do cotidiano, a esperança de mudanças e de superar desafios que antes pareciam impossíveis acabaram por se tornar uma motivação maior para o estudante jovem e adulto. A vulnerabilidade relacionada ao programa por falta de estrutura, principalmente no que se refere à falta de transporte, configurou impasse e motivo de desistência.

Outro questionamento realizado foi referente às dificuldades ou impedimentos para a realização da proposta de estudo a partir do apoio ou não por parte da família dos entrevistados. Dessa forma, foi perguntado se houve alguma dificuldade em relação à família e se a família sabia que eles estavam estudando. As respostas da maioria foram de que não houve dificuldades nesse sentido:

Nunca, agora que eles ficaram sabendo, eles pensavam que eu ficava trabalhando até aquele horário, até aquele horário que eu chegava em casa, oito horas, daí um dia eu chamei a atenção deles. “ – O meu filho eu to estudando se eu tiver demorando um pouquinho é porque eu fico na aula não se preocupem comigo, porque todo mundo me conhece, eu venho de ônibus, não tem perigo” eu expliquei para eles, porque no começo eles não sabiam eles pensavam “a mãe tá demorando vir o que que tá acontecendo com a mãe?” [...] Eles acharam bom, falaram que isso para eles era uma brincadeira que eu to fazendo, eles falaram para mim” credo mãe, para nós é uma brincadeira o que a senhora tá fazendo” e eu falei” - Para mim é sério, vocês levam na brincadeira, mas vocês já fizeram a parte de vocês e eu agora to fazendo a minha para passar o tempo” Você veja bem, tudo as coisas a gente tem que não fica parado né, tem que achar uma coisinha para não morrer. Agora tava dizendo para minhas muié que quarta-feira vou ir lá no CRAS, que de manhã eu fico aqui e depois do meio-dia eu vou lá no CRAS dá uma olhada, porque eu tenho foto por tudo lado nas parede, das reunião que eu fui, dos passeio, dos lanche que nois fizemo junto, tá tudo lá. Elas não esquecem disso, tavam falando é para mim ir lá uma vez por semana como diz o causo, meio-dia só por semana, porque os artesanato que eu fazia lá paro tudo que era só eu que ensinava.(Entrevistada A).

Apenas uma das entrevistadas afirmou que seu ex-marido, pai de seus filhos, acabava por debochar de ela estudar depois de velha. Pode-se confirmar através da seguinte fala:

É porque eu vivo sozinha com meus filho, isso, daí eu nunca voltei por causa deles né, [...] Eles acham que é importante né, estudar e não tem idade eles falavam, minhas criança [...] Só o pai deles que ficava rindo daí. [...] “- Depois de velha estudar” [risos]. (Entrevistada B).

A entrevistada, criticada pelo seu ex-marido, foi uma das que não concluiu o programa de alfabetização. Dessa maneira, é possível concluir que a interferência e a falta de estímulo dos familiares e pessoas próximas podem acarretar na descontinuidade da trajetória escolar de jovens e adultos.

O fortalecimento do processo educacional é

amplo, devendo ser necessária não só a atuação dos alunos e dos educadores, mas também da família, que pode ajudar a dar continuidade e fazer com que esses tenham a percepção de que estudar em qualquer fase acarreta melhorias em suas vidas.

As dificuldades se mostraram implícitas no processo educacional que acontecia na ARREP, uma vez que a turma iniciou com 12 alunos, apenas 5 concluíram o processo de alfabetização e apenas 4 eram da associação. Uma das entrevistadas afirmou que quase desistiu por causa do cansaço. Alegou que, muitas vezes, era difícil trabalhar o dia todo, ir à aula e ainda cuidar dos filhos quando chegava à casa. Pode-se confirmar isso através da seguinte fala:

A teve. [...] As vez né, cansada né, daí eu cuido da casa, das crianças né. Eu ate para estudar deixava os meu dois pequeninho meu até eu chegar ficava sozinho. O de 5 ano e o de 10 ano. [...] "Aham" sozinho até eu chegar. Porque minha menina estuda de noite né. (Entrevistada D).

As outras 2 entrevistadas foram as que não concluíram o Programa Brasil Alfabetizado. Elas relataram o seguinte:

Também, daí ele ficava falando. A aula saia as sete e meia né, ai já inventaram porque ele mora no ouro verde, daí eles já inventavam, " - é porque da escola sai nove horas né". Daí ele achava que essa hora que eu chegava em casa [...] "aham" ficava reclamando. [...] é, também, daí chegava mais cedo, agora cinco horas eu vou embora já, daí cinco e meia, cinco, antes das seis eu tô em casa. (Entrevistada B).

A entrevistada C afirmou anteriormente que o que a fez desistir foi a distância, pois ela se mudou no período em que participava do programa de alfabetização. Percebe-se, então, que os fatores que interferiram na conclusão do programa foram variados e devem ser considerados na sua execução. Freire (2011, p. 76) aborda uma questão que pode ser introduzida neste trabalho: "É como homens que os oprimidos têm de lutar e não como "coisas". É precisamente porque reduzido a quase "coisas", na relação de opressão em que estão, que se encontram destruídos [...]".

A partir disso, pode-se considerar que as pessoas envolvidas devem acreditar nas transformações que parte de um empreendimento econômico solidário pode trazer, e que a educação pode trazer transformações em suas vidas, apesar de toda a dificuldade implícita.

A partir dos dados expostos, nota-se que as percepções sobre a importância de estudar dentro de uma associação de catadores foram diversificadas. Sobressalta-se a questão da parte burocrática, visto que os associados acreditam que, para executar grande parte do seu trabalho na associação, se faz necessário saber ler e escrever, ou, pelo menos, assinar o nome. É visível em algumas falas que os entrevistados sentem medo de serem enganados por alguém pelo fato de não saberem ler e escrever.

Foram 5 entrevistas que deram o embasamento para esta pesquisa, e dessas, concluímos que os motivos de as pessoas não terem estudado na idade

escolar foi o fato de morarem distante das escolas (maioria em zona rural). Já com relação às mulheres, o impedimento está relacionado à proibição dos pais ainda quando crianças e depois dos maridos quando jovens. A falta de incentivo e a necessidade de cuidar dos afazeres domésticos foram fatores que impediram a volta aos estudos.

Atualmente, os associados contam com o atendimento dos CRAS de suas regiões de moradia, os quais fazem a intermediação para quem quer continuar os estudos ou começar. A IESol está sempre atenta às demandas que surgem e busca prestar todas as informações e encaminhamentos para que não se perca essa perspectiva de alfabetização, não só com a ARREP, mas com todos os outros grupos incubados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, portanto, que o pequeno período que o programa Brasil Alfabetizado esteve presente na ARREP estimulou nas pessoas envolvidas a vontade de aprender, fazendo com que estas adquirissem maior autonomia em relação a situações do seu cotidiano, tais como: assinar a lista de presença na escola dos filhos, identificar o ônibus que está vindo, aprender a fazer a lista de mercado sozinho, poder ler a bíblia, entre outras situações que marcaram suas vidas de uma maneira muito positiva.

A partir das falas, podemos destacar que o processo de educação não formal se fez presente das mais variadas formas na vida dos entrevistados, os quais se mostram capazes de ensinar filhos, netos, mesmo sem saber ler e escrever.

O processo de direitos violados, especialmente o da educação, se deu, na maioria, para mulheres da ARREP, uma vez que, devido à dupla jornada de trabalho, estas se sentiam responsáveis em cuidar dos filhos e das tarefas domésticas e não acreditavam que estudar era um direito, ficando o estudo de forma secundária em suas vidas.

Ficou também explícito nos resultados desta pesquisa a falta de incentivo da família, o que acaba por acarretar na desistência da proposta de estudo. Percebeu-se, também, que, na maioria, o processo de exclusão educacional quando crianças se deu pela questão de transporte, uma vez que os entrevistados não tinham condições de chegar até a escola. Sobre a relação aluno e professor na proposta de estudo, percebeu-se que a afinidade e semelhança de situações sociais fez com que o processo de alfabetização se tornasse mais produtivo e positivo para os entrevistados.

Destaca-se, assim, que os sonhos e as mudanças a partir da alfabetização podem gerar transformações, já que muitas vezes as pessoas envolvidas deixaram de acreditar, uma vez que os processos excludentes as fazem acreditar na

naturalização dos processos sociais.

O processo de mudança de realidade é destacado também a partir do momento em que os próprios alunos começam a perceber a importância do estudo, como no caso da renovação do programa, uma vez que eles mesmos passaram a articular com a comunidade para alcançar o número exigido de pessoas para a renovação do programa.

Os elementos que mostram a dificuldade de participação dos entrevistados salientam que, para um processo de transformação acontecer, é preciso articulação com a gestão municipal, a qual deve compreender que, para a sua realização, são necessários elementos que deem subsídios à superação das estruturas sociais e econômicas precárias que norteiam a vida da população que sofreu exclusão.

Esses elementos fazem compor que a construção de uma nova organização para responder as demandas de determinados grupos é essencial para a articulação tanto do processo de transformação social, quanto da valorização dos saberes populares.

## Referências

ABRAMI, et al. A Economia Solidária como fortalecedora do enfrentamento as condições de vulnerabilidade social. In: CONGRESSO DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA, 3., 2012, Curitiba. **Anais...** Curitiba : CASLA – Casa Latino Americana, 2012. 23 p.

BOFFETE, José Eduardo Oliveira et al. Escrevendo sua própria história : um relato da experiência de trabalho com a Associação de Recicladores Rei do “PET”. In: CONVERSANDO SOBRE EXTENSÃO (CONEX), 11, 2014, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa : Editora, 2014. p. 7.

BRASIL, Ministério da Educação. **Princípios, diretrizes, estratégias e ações de apoio ao programa Brasil alfabetizado**: elementos para a formação de coordenadores de turmas e de alfabetizadores. [S.l : s.n.], 2011.

FERREIRA, Hyara et al. Inserção sócio-espacial e defesa ambiental, na perspectiva da economia solidária em Ponta Grossa-PR: O trabalho junto à COOPERPET. In: CONVERSANDO SOBRE EXTENSÃO (CONEX), 9., 2012, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Editora, 2012. 6 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa Social**: introdução as suas técnicas 4.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

PIERRO, Maria Clara di.; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil, **Caderno CEDES**, Campinas, v. 21, n. 55, Nov. 2011.

SINGER, Paul. Economia Solidária versus Economia Capitalista. **Soc. Estado**, v. 16, n. 1/2, Brasília, v.16, n. 1/2, p.100-112, Jun. /dez. 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.

VALLE, Mariana Cavaca Alves do. **A leitura literária de mulheres na EJA**, 2010, 106f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2010.

## Notas

<sup>1</sup> Este projeto deixou de ser reeditado pelo Departamento de Serviço Social desde 2013.

<sup>2</sup> Para conhecer os princípios da Economia Solidária, ver: <http://fbes.org.br/2005/05/02/carta-deprincipios-da-economia-solidaria/>